

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

APONTAMENTOS DE ETNOGRAFIA DA BEIRA-ALTA.

CARDOSO, Mário

Ano: 1976 | Número: 86

Como citar este documento:

CARDOSO, Mário, Apontamentos de Etnografia da Beira-Alta. *Revista de Guimarães*, 86 Jan.-Dez. 1976, p. 187-216.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Apontamentos de Etnografia da Beira-Alta

(Continuação da página 164 do vol. LXXXV)

XVII — FORNOS DO PÃO

Na Sobrosa, os fornos da cozedura do pão de milho, em casa de ricos ou de pobres, são todos de pedra. Não se usam os de tijolos, nem de uma peça inteiriça de barro, que, na olaria de Guimarães, toma o nome de «forno de panela». Aqui não abunda o barro, e é talvez por isso que os telhados são frequentemente cobertos de xisto ou lousa, substituindo a telha.

São toscos estes fornos de pedra, mas cozem esplendidamente o pão, dizem as donas de casa. Feitos de calhaus quase informes, ajeitados apenas com duas picoadas, são exteriormente cobertos de argamaça para tapar as juntas e não deixar fugir o calor.

Observando o forno (Fig. 33) pela parte interna, vê-se bem o processo de construção do tecto, em fiadas sucessivas de pedras, cada vez fechando mais, poisando horizontalmente umas sobre as outras, sem apresentarem a forma de cunha ou de aduela de arco, nem a sua posição formando perfeita abóbada. Em suma, estes fornos da Sabrosa são ainda construídos pelo mesmo processo arcaico das primitivas edificações monumentais da Cultura de Alcalar, por exemplo⁽⁶⁴⁾, e apresentam assim a chamada «falsa cúpula», que os Arqueólogos franceses designam «en encorbellement».

⁽⁶⁴⁾ Vide Estácio da Veiga, *Antigu idades Monumentais do Algarve*, Lisboa, vol. III — 1889, Est. XVII, entre pp. 236 e 237.

Os fornos de pedra têm uma tradição muito remota. No castro de Santa Tecla, na Galiza, encontram-se à entrada de algumas habitações restos de pequenas construções quadrangulares de pedra que são consideradas fornos (65). Todavia, na maior parte dos castros e citânias do Norte de Portugal os fornos são tão raros quanto frequentes as mós manuais.

Quero crer, por isso, que o pão *de forno* não fosse usual entre as populações citanienses. É certo que, do pão, como um dos alimentos destes povos nos dá notícias Estrabão, dizendo que a bolota torrada, e depois moída, produzia uma farinha servindo para fazer o pão, de que estes montanhesees se nutriam durante três quartas partes do ano (66). É natural que também o manipulassem da farinha de vários cereais, como do trigo, do centeio, da cevada (67). Porém, nada nos autoriza a afirmar que esse pão fôsse, como o de hoje, cozido em fornos, antes a raridade destes nas habitações castrejas nos permite julgar o contrário. As pequenas mós manuais (Fig. 36) são vulgaríssimas em todos os castros, e em abundância tal que, por certo, cada fogo possuía a sua, e cada família moía a sua farinha. Se desta farinha confeccionassem pão *de forno*, os fornos seriam tão vulgares na proximidade, ou mesmo no interior das habitações, como as mós. O uso de um forno comum (Fig. 34) para toda a povoação, à maneira do que ainda hoje se pratica em muitas aldeias portuguesas, como nas do Larouco, etc. (68) (juntamente com outros usos de regimen comunitário — utilização das moendas de azeite, de terras, de mato, de águas de rega, etc.) (69), não é verosímil nos

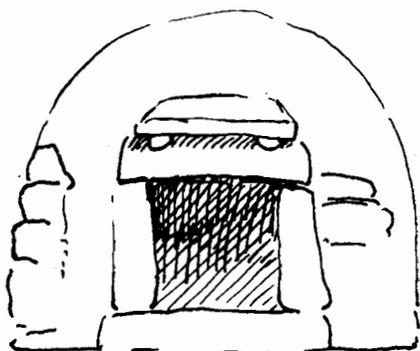
(65) Vide J. Lopes Garcia, *La Citania de Santa Tecla*, cit., p. 56. Na Citânia de Briteiros também se encontraram certas pedras rectangulares que se supõe serem portas ou tapadoiros de fornos (vide *Citânia de Sabroso*, por M. Cardozo, Guimarães, 1938, p. 55).

(66) Estrabão, *Geogr.*, L. III, C. III, 7.

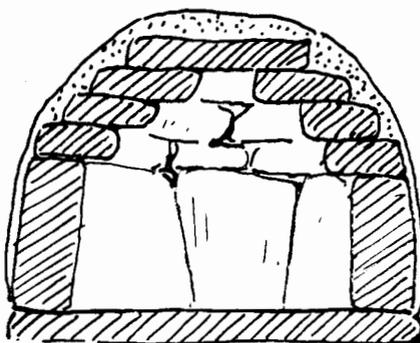
(67) Vide A. Sampaio, *Estudos históricos e económicos*, Porto, 1923, I, 102.

(68) Vide J. A. Vieira, *O Minho pittoresco*, Lisboa, 1886, I, p. 19. Vide também o nosso estudo: *A mó e a farinha, o forno e o pão*, publicado no Porto, em 1958, in *Trabalhos de Antropologia e Etnologia* (vol. XVII, de Homenagem ao Prof. Dr. Mendes Correia).

(69) Vide Tude de Sousa, *Regimen pastoril dos povos da Serra do Gerez*, in «Portugalia», Porto, tomô II (1905-08), p. 651.



1



2

Fig. 33 — *Forno de pedra da Casa da Sobrosa*

1 — O forno visto de frente. 2 — Corte do forno mostrando a construção do tecto em *falsa cúpula*.

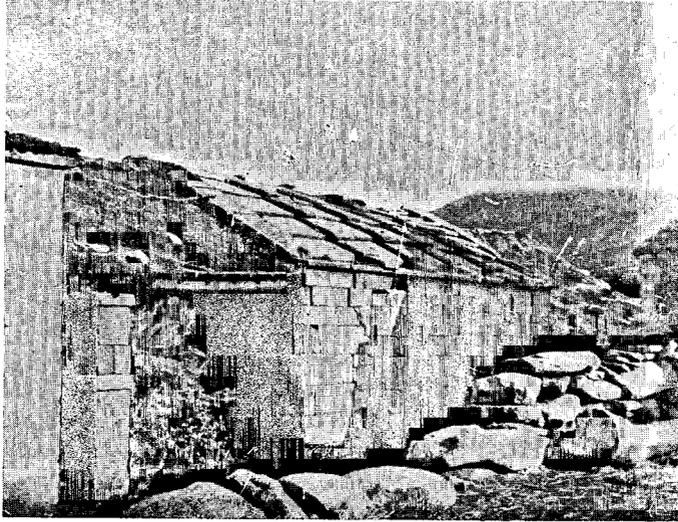


Fig. 34 — *A casa do forno, de uso comunitário na freguesia de Gralbas (Serra do Larouco).*

(Do vol. XVII de «Trabalhos de Antropologia e Etnolog.» Porto, 1959, p. 248)

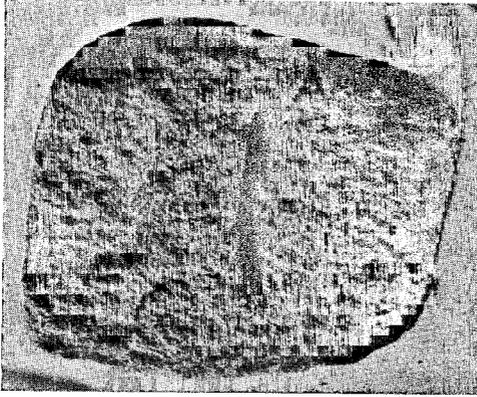


Fig. 35 — *Tapadouro de pedra, com a asa cavada no próprio granito, encontrado na Citânia de Briteiros. (de um forno?)*

(Museu de Martins Sarmento. Guimarães)



Fig. 36 — *Mó circular, de uma casa da Citânia
de Briteiros*

(Museu de Martins Sarmiento. Guimarães)

castros, pois as povoações que ainda actualmente adoptam o sistema da cozedura em forno comum, servem-se igualmente de um moinho comum.

A farinha, moída indubitavelmente em cada habitação castreja, era naturalmente ali mesmo amassada e cozida, sem o auxílio de forno, quer sob a forma de uma massa diluída em água e pouco consistente, ainda hoje muito em uso na culinária rural minhota (*papas*), quer em bolos ou pequenos pães recozidos sobre a pedra quente da lareira, ou ainda sob a cinza quente, previamente envoltos esses pães em certas folhas vegetais (*panis subcineritius*). Entre algumas populações espanholas do Noroeste, como em Carávia, por exemplo, perduram ainda tais processos primitivos de panificação. (70)

E, afinal, toda esta divagação acerca do pão entre as nossas populações primitivas, derivou, do uso na Sobrosa dos fornos de pedra, de construção muito arcaica, na verdade.

(70) Vide Aurelio de Llano, *El libro de Caravia*, Oviedo, 1919, p. 147-148.

XVIII — LONGEVIDADE

Tive sempre, desde novo, o costume de me levantar bastante cedo, adquirido nos hábitos forçosos e rigorosos dos meus bons tempos da Escola do Exército (hoje Academia Militar), em que o toque de alvorada nos obrigava a sairmos, estonteados de sono, do quentinho da cama para o banho de chuveiro, e seguidamente para a formatura da ginástica, mesmo no mais rigoroso Inverno. Ora aqui, na Sobrosa, tantos anos volvidos, continuo na mesma, agora já não por obrigação, mas por força de um simples hábito. Sabe bem respirar este ar matinal, puro e fresco, quantas vezes precursor de um meio-dia de sol ardente, de escaldar nesta quadra de Verão.

Chegou há pouco a nossa Casa o Joaquim, um rapazito cego, que há anos faz o serviço de ir a Santa Cruz da Trapa, trazer a correspondência que houver na estação postal. Vai e vem todos os dias, esteja de sol ou de chuva, por terrenos ínvios ou por caminhos pedregosos, tacteando o solo e os muros baixos que, por vezes, os borda com seu varapauzito fino, de marmeleiro. Nunca o vimos perder-se ou enganar-se na direcção a tomar nestas complicadas sendas da aldeia, nem sequer desequilibrar-se e, por desgraça, tombar ou magoar-se.

Hoje trouxe, por acaso, umas cartas e a gazeta diária do costume, que é recebida por via postal. Ao deitarmos a vista, sem grande interesse, distraidamente, folheando as amplas e incómodas páginas de um jornal

de Lisboa, caíram os nossos olhos na seguinte notícia, originária de São Pedro do Sul:

FALECEU

perto de S. Pedro do Sul

UM PRETO COM 136 ANOS

S. PEDRO DO SUL, 9—Faleceu hoje em Forno Telheiro, freguesia de S. Pedro do Sul. Francisco Antonio Araujo de Lima, caboverdeano, de 136 anos. Foi baptizado nas Caldas da Rainha, tendo servido de Padrinhos o Rei D. Carlos e a Rainha D. Amelia.

Quem era este macróbio, este Francisco António, este caboverdeano preto, de vida tão extensa para um ser humano, que parecia disposto a bater a duração de algum elefante, que dizem ser animal de vida centenária! Seria erro de certidão de idade? Não senhor, nada disso, era mesmo verdade. Eu próprio ainda tive ocasião de conhecer esse homem, na Sobrosa. (Fig. 37)

Dizia esse preto, meio amulatado, de carapinha branca (o que, já de si, acusa, nos pretos, excepcional longevidade), que nascera em 1803. Pouco depois de eu chegar á Sobrosa, ainda ele deambulava por lá, e por Santa Cruz da Trapa e São Pedro do Sul, mendigando junto de quem se condoía dele, e se admirava da sua velhice, e o ajudava a continuar a viver.

A sua teimosia em andar por este mundo ingrato só se explicava pela vida moderada e sóbria que levava, e pela pureza dos ares que respirava na região para onde emigrara, em remota data, ou onde tivera a felicidade de nascer, para o successo de tamanha robustez física. Este pormenor nunca tive a lembrança de lho perguntar. Era um indivíduo risonho, bem disposto e alegre, mas homem de poucas falas. Apenas o vi, uma ou outra vez, sentado na escadaria de pedra que conduzia a parte nobre do edificio de família, onde passei as férias, ou então nas escadas que conduziam directamente à cozinha, onde ardia um bom fogo, na lareira sobreposta por uma enorme chaminé rectangular, também de pedra.

Por lá o via, ao velhíssimo Francisco António, agarrado a uma boa tigela de sopa, empunhando a colher, e na outra mão, um grande naco de boroa de milho com centeio, e a seu lado um copito de vinho tinto amadurado. Mastigava com pachorra, lentamente, e, se estava de maré, contava coisas interessantes dos começos do século passado, que a gente ouvia com curiosidade.

Acabada a refeição (frugal na qualidade, que não na quantidade), lá se punha a andar, moendo Padre-nossos e Ave-Marias, de reconhecimento e pela salvação das almas dos que já tinham marchado, antes dele, para ignorados mundos...



Fig. 37 — *Uma das Senhoras da Casa solarenga da Sobrosa, acolbendo bondosamente o «Mathusalém» caboverdeano, mendigo frequente por ali.*

XIX — A ESPADELAR O LINHO

Junto à portada três raparigas espadelam o linho, grosseiro e áspero. Uma poalha fibrosa e loira cobre-lhes o cabelo e o vestuário. São todas de tipo diferente. A Carminda, morena, cabelo negro de corvo, lustroso de banhas, olhos pretos, perfil correcto e bem marcado, seio forte, ancas largas e pernas másculas, levemente arqueadas. Traja de luto. Os rapazes segredam, a rir, que ela já ameaçara com um pontapé em certa região melindrosa a um velhote guloso, que a perseguia com galanteios. É moça desembaraçada, mas de poucas falas, reservada.

Outra, a Rosário, é feia de cara, embora de certa desenvoltura de linhas. Largas e cerradas sobranceiras, um buço bastante acentuado, e abundante camada de pêlos que lhe cobrem as canelas (à Sobrosa ainda não chegou o uso dos depilatórios...), fazem prever um corpo de aspecto desagradável e de mal contidas afinidades antropóides. Já teve um filho, de um mariola que a deixou. Agora dizem que tomou juízo, apesar de ser cachopa palradeira. Aí por Novembro, lá vai todos os anos até Lisboa, para o Barreiro, ganhar uns cobres nos trabalhos da secagem do bacalhau.

Finalmente a terceira espadeladeira é a delambida da Lúcia. Loira, branquinha, cobertinha de carnes, julga-se uma princesa. É cheia de «*não prestas*». Dizem que é bailadeira afamada, nas festinhas da região. Tem aspirações, o diabo da moça! Chegou a acreditar nas promessas de casório, que lhe fazia o filho de um rico proprietário daqui, estudante em Viseu. Mas, afinal, o rapaz o que queria era *pagode*.

Todas três batem ritmicamente as estrigas, com a pancada seca e cortante das espadelas. De quando em quando, uma pára, outra pára, e esmagam a estriga, empunhada nas duas mãos, num movimento rotativo,

punho contra punho, para amolecer o linho e fazer cair as sarugas.

É sempre interessante este trabalho do linho. Mas uma coisa me choca a vista, Santo Deus! É o espadeladoiro! Um cortiço, um cortiço velho, cilíndrico, que cada uma das raparigas segura e aperta entre os joelhos!

Ora até neste pormenor se distinguem as mulheres daqui, das mulheres do meu colorido Minho! Quanto estamos longe dos lindos espadeladoiros de Vizela, cheios de bordados e esculpido na madeira, por vezes com interessantes pinturas policromadas! (Fig. 38)

Positivamente a Beira-Alta é tristonha, incolor; e, as mulheres, faltas de graça e de encanto, reflectem simplesmente o tom geral do seu meio.



Fig. 38 — *Espadeladores do linho*

XX — MAIS UMA VOLTA PELA SERRA

Hoje a excursão foi pelos altos rochosos que circundam pelo norte os povos da Bustarenga e do Gamual, já pertencentes à freguesia de Manhouce. Por lá caminhei, desde as 10 da manhã até às 7 da tarde, com um pequeno descanso para tomar uma refeição frugal, por volta do meio dia.

Serviu-me de guia um rapazote de 15 anos, o *Tónho* (António), filho do *Zé* do Gamual. Este *Zé* do Gamual é um indivíduo de meia idade, rude e franco, que fabrica umas territas semelhantes a degraus de verdura, pela encosta abaixo.

O «povo» do Gamual, perdido numa dobra da serra, é constituído apenas por três famílias. O *Zé* fala pelos cotovelos, e a sua voz tem as inflexões um pouco roufenhas e cantadas dos poveiros, da beira-mar. Já mourejou pelo Brasil, como quase todos os outros daquelas serras, também emigrantes e hoje donos das leirapas da montanha, que tanto custam a cultivar. Como todos os outros, lá voltou também ao seu buraco, depois de amealhados uns cobres, para substituir as lousas escuras xistosas do telhado da sua cabana pela detestável telha, berrante, de tipo marselhês.

Não pôde acompanhar-me hoje, na minha faina de observar as velharias do tempo dos «mouros», dispersas por aqueles altos. Andava a compor o telhado de um vizinho, porque o *Zé* do Gamual também sabe trabalhar de *louzeiro* ⁽⁷¹⁾; mas mandou comigo o filho, que conhece todos os recantos da montanha, desde o tempo, que não vai longe, em que era *doeiro* ⁽⁷²⁾.

⁽⁷¹⁾ O que dispõe as lousas, da cobertura das casas.

⁽⁷²⁾ Pastor, ou guardador dos rebanhos.

Agora, o *Tónbo* já trabalha nas terras, já deixou a vida «de malandro», como ele disse, que levam os doeiritos pela serra, até aos seus 12 anos, peregrinando diariamente, na esteira dos rebanhos.

É curiosa esta faina dos pastores. Os rebanhos, quase só de gado caprino, são, como dissemos, a principal riqueza desta gente da serra. Todos os dias, quer escaudem as pedras, ao sol ardente do estio, ou sobre, em turbilhão, a invernia agreste e gelada de Dezembro, o gado é deitado ao pasto do monte, onde a carqueja, seu principal alimento, cresce, abundantíssima. Sai a bicharia dos vários currais, e toda ela se junta no monte, em pastoreio comum, acompanhada de um doeiro de cada casa, e de dois ou três cães de guarda. Cada rapazito lá leva, para todo o dia, a sua côdea negra de pão, e bebe da água límpida das nascentes que borbulham das fendas da rocha. Assim se alimenta escassamente, enquanto vai seguindo o bando enorme, por vezes constituído por muitas centenas de animais. O rebanho não precisa que os pastores o toquem ou guiem. O gado faz a sua volta, larga, extensa, vagarosa, por onde lhe apetece, e à tardinha regressa, instintivamente, à hora precisa, em direcção ao povoado, onde cada grupo de animais por si próprio se aparta dos outros, para o curral de cada dono. Os doeiros limitam-se portanto a acompanhar o bando, ao som monótono e triste dos chocalhos, e a impedir que ele desça aos campos lavrados, ou se misture com os rebanhos de outros povoados.

Depois de eu ter feito algumas fotografias do interessante «povo» da Bustarenga, (Figs. 39 e 40) com suas calçadas íngremes, suas casotas negras, do mesmo tom dos penedos, cobertas de largas placas de xisto, em duas águas, cumes e beirais de pedra (73), e de ter fotografado também a ampla e magnífica calçada que ali passa ao pé, e lá serpenteia pela serra fora em direcção a Manhouce (Figs 41 e 42) — o meu guia levou-me a ver o *Calhau oco*. Não apresenta interesse, esta pedra. É um dos inúmeros penedos cheios de grandes cavidades arredondadas, que os geólogos atribuem a um fenómeno resultante da erosão. Quero crer nesta hipótese; mas,

(73) Vide, A. Girão, *A Bacia do Vouga*, p. 113.



Fig. 39 — O «povo» da Bustarenga

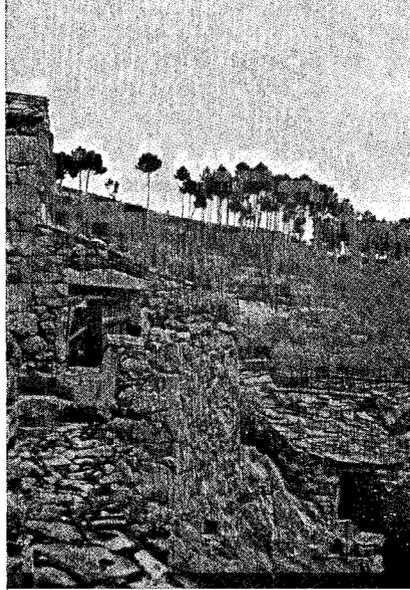


Fig. 40 — *Uma rua da Bustarenga*

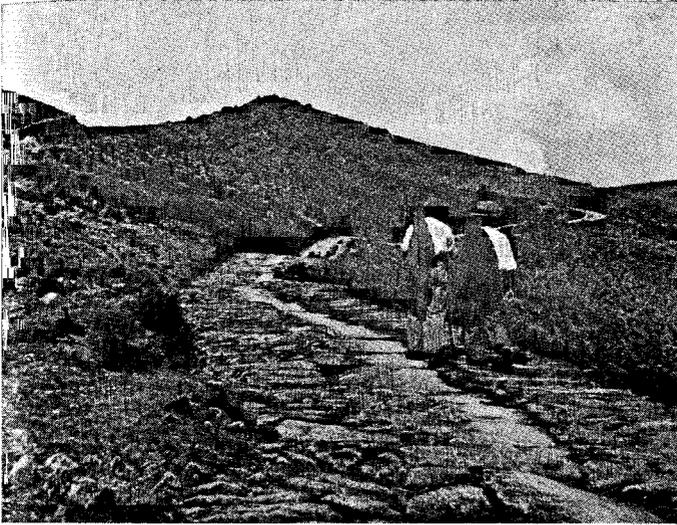


Fig. 41 — *Calçada (romana ?) da Bustarenga a Manbouce*
Estrada velha do Porto.



Fig. 42 — *Calçada da Bustarenga*



Fig. 43—*Ruínas de casa redondas e rectangulares no Campo d'Anta*

porque razão aparecem essas cavidades, bem como as *fossettes*, quase sempre junto de lugares onde existem vestígios palpáveis de uma população primitiva, tais como alicerces de casas? É singular e significativo. Esta mesma coincidência notou Girão (74).

Do sítio do *Calbau oco*, dirigimo-nos aos pequenos planaltos, chamados *Campo da Belina*, *Campo da Pereira* e por fim ao *Campo d'Anta*. Em todos se observam restos de pequenas construções, mais ou menos arredondadas, (Fig. 43) outras rectangulares, especialmente neste último Campo, de nome aliás bem sugestivo — *anta*. Ali encontrei também vestígios de sete *mamôas*, marcadas por aglomerados de calhaus de quartzeito branco, de seus quatro metros de diâmetro na base: mas haveria mais, pois o Campo é vasto e coberto em parte de mato alto. No mesmo Campo, já numa extremidade, existe um grande círculo, de cerca de 70 metros de diâmetro, definido por grosseiras pedras. O sítio é chamado a *Pontinha da Pedra*. Os alicerces das casas, conquanto visíveis, são vagos, apagados, apenas alguns calhaus informes, mais ou menos aglomerados e alinhados, marcando contornos, e sem o menor trabalho de afeiçoamento, nem argamassa de ligação, aproveitados talqualmente a natureza os deu, formando parede singela. As construções são contíguas, e em geral dispostas em alinhamentos mais ou menos regulares, junto à base dos espaldões de penedia, que as abrigam do lado mais exposto ao tempo. Como nos sentimos longe das *magníficas* construções (magníficas em relação a estas, está claro), da época lusitano-romana, dos nossos castros do Norte! Quanto mais rudes deviam ser estas populações das montanhas da Beira!

Do Campo d'Anta inflectimos para sul, em direcção ao logarejo, com duas ou três famílias apenas, chamado *Casa do Rei* (75). Outro nome e outro lugar bem evocadores! O sítio é um fundo de forma circular, com seus

(74) Cf. *Antiguidades de Lafões*, p. 54, nota.

(75) Também existem três cavernas chamadas *Palácio do Rei*, e um penedo intitulado *Cadeira do Rei*, perto da nascente do Caima, afluente do Vouga, junto à célebre queda chamada a *Frecha da Misarela* na Serra de Freita, do maciço da Gralheira.

300 metros de diâmetro, rodeado, em anfiteatro, dos cimos escarpados e rochosos, semelhando assim uma pequena cratera ou reduto de ciclopes, aberto do lado sul. É ali, abrigada naquela cova enorme, a Casa-do-Rei. (Fig. 44) Alguns vestígios de ruínas de habitações e de muros atestam que o sítio foi povoado, em época longínqua ⁽⁷⁶⁾

Como disse, o lugar é hoje ocupado por alguns moradores, um dos quais, segundo me informou o meu guia, e eu verifiquei, anda construindo um casinhoto aproveitando os alicerces de uma casa primitiva. Este, ao remexer o terreno é que poderia, talvez, ter encontrado alguns restos de cerâmica, que me dessem um indículo para a fixação da cronologia daqueles povoados. Por mim nada consegui encontrar de interesse, no terreno, um pouco revolvido, dentro e fora da construção. O dono não estava. Voltarei lá.

O sol declinava, rápido. A Sobrosa ficava longe, e eu tinha de gastar ainda, para regressar, umas boas duas horas de caminho, descendo a montanha.

No decurso da jornada, pude fotografar ainda uma serrana, que ia para Manhouce, bem característica, com o seu chapeuzito de feltro, à moda das varinas, pousado graciosamente sobre o lenço da cabeça (Fig. 2).

À saída do Deanteiro, já perto da Sobrosa, povoado que eu, já havia visitado deparei, num pequeno alto, com os vestígios de quatro antelas, já muito arrazadas, iguais às do Campo d'Anta. Fotografei-as.

Quando cheguei a casa, o sino do Mosteiro de S. Cristóvão (Fig. 45) tangia as Trindades, tristemente, numa vibração prolongada grave e trémula como um zum-bido. Ouvirem-se os sinos do Mosteiro é, neste lugar, sinal de chuva. Vento de sudoeste. O céu toldava-se de nuvens baixas, e a sombra ia cobrindo a terra.

(76) Vide sobre antigas habitações:

Lorenzo Fernandez — *Antiguas habitaciones de pastores en la sierra del Seboeiro*, Madrid, 1947, *Cuadernos de Estudios Gallegos*, fasc. VII, ano 1947, p. 431 e ss.

Carlos Teixeira, *Ruínas de povoados antigos na Serra da Cabreirea* na «ev. de Guimarães», 1947, 1.^a fasc.

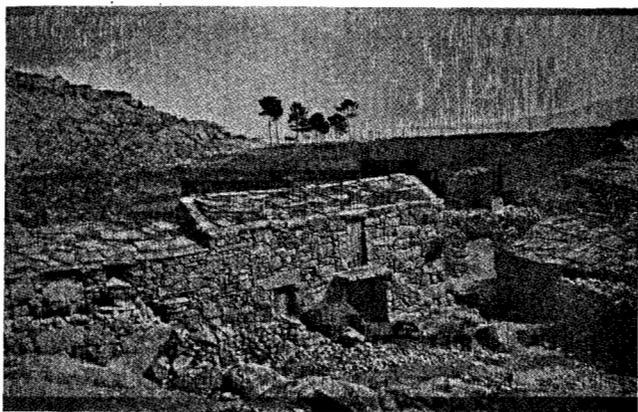


Fig. 44— *A casa do Ti' Alvaro, no lugar da Casa do Rei*

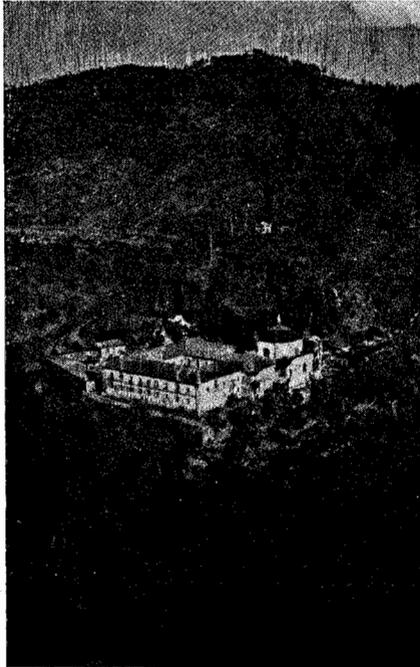


Fig. 45 — *O Mosteiro de São Cristovão*

XXI — A «PEDRA DA ESCRITA» DE SERRAZES(*)

O local deste importante monumento pré-histórico (Fig. 46) foi-me indicado pelo Sr. Professor da Escola de Serrazes, J. Pereira de Vasconcelos. Fica num terreno sensivelmente plano, dentro de uma bouça, a uns 100 metros da estrada municipal que passa pelas povoações de Penso, Serrazes, Termas, e junto ao entroncamento do ramal que, desta estrada, segue para Freixo e Trapa.

Fui vê-lo. Posto que a tal exemplar da nossa arte rupestre já se haja referido, com incontestada competência, o ilustre Professor Amorim Girão, que foi da Universidade de Coimbra (77), julgo interessante mencionar ainda alguns detalhes, e principalmente dar uma reprodução exacta dos petróglifos ali gravados, pois que o desenho apresentado por aquele falecido professor, na Revista «Biblos», é bastante deficiente.

O monumento é constituído por um penedo, de forma arredondada num dos lados, e plano do lado oposto, sendo, nesta face vertical voltada ao nascente, talhada intencionalmente, ou aproveitada conforme a

(*) O assunto destes petroglifos de Serrazes já foi por nós tratado, em língua castelhana, no *Archivo Espanol de Arqueologia* (Vide Vol. XIV, Madrid, 1940, I, p. 152-156). A «Pedra da Escrita» de Serrazes é monumento nacional por D.º n.º 35. 532, de 15 de Março de 1946 do Ministério das O. P. e Comunicações (Ver «Diário do Governo» desse mesmo ano), por parecer da Junta de Educação Nacional e sua proposta então apresentada ao respectivo Ministério.

Ver também os trabalhos de: P.º Francisco Manuel Alves, e de Júlio Martínez Santa-Olalla.

(77) A. Girão, *A «Pedra da Escrita» de Serrazes*, in «A Beira», semanário de Viseu, Ano 1.º, n.º 40 de 6-5-1923; do mesmo A., *Arte rupestre em Portugal*, in rev. «Biblos», Coimbra, 1925, vol. I, n.º 3, p. 87 e 94.

natureza a facultou ao homem, que se encontra a série de gravuras a que vamos referir-nos.

Apresenta esta face da «pedra da escrita» (78) um contorno pentagonal, disposto de modo que lembra o de um obelisco de larga base e pequena altura. Estas linhas gerais fazem também lembrar o recorte das conhecidas estelas célticas denominadas *em forma de casa* (79). Parece-me importante fixar este pormenor, tanto mais que tal contorno foi propositadamente vincado por uma linha contínua, cujo sulco se distingue bem, na pedra, especialmente na parte superior do monumento, conforme também notou o Sr. Prof. Girão. Facto curioso este, pois os conjuntos de gravuras rupestres não são, em geral, delimitados por qualquer contorno que os abranja, nem vulgarmente foram aproveitadas para a execução de tais gravuras as superfícies verticais das rochas, mas sim as horizontais ou ligeiramente inclinadas (lages, *eiras dos mouros*, etc.). Nas faces verticais, ou em tectos de grutas e abrigos, encontram-se, de preferência, as pinturas e não as gravuras, naturalmente por precisarem de maior resguardo contra a acção do tempo.

As dimensões desta superfície gravada são: 2,50 m de largura, na base, e 2,40 m de altura, na linha média.

(78) As designações de *pedra da escrita*, *pedra escrita*, *pena escrita* ou simplesmente *escrita*, são com frequência dadas pela tradição popular a muitos monumentos prehistóricos semelhantes ao de Serrazes. Vide Ab. de Baçal, nas suas *Memórias Arqueol.* (t. IX, p. 566 e ss).

(79) Julio M. Santa-Olalla, *Estelas funerárias em forma de casa* in «Homenagem a Martins Sarmiento», Guimarães, 1933, p. 000.

Cita diversas vezes monumentos assim conhecidos nos concelhos de Bragança, Vinhais, etc.

Em Tarbena (Alicante) há também uma *Pena escrita*, em Fuencaiente (Ciudad Real) uma «Piedra escrita», e em Huesca (Granada), um *Letrero* de los Martires», que Henri Breuil cita na sua obra monumental, *Les peintures rupestres schématiques de la Peninsule Ibérique*, Ed. Fondation Singer-Polignac, Imprimerie de Lagny, Paris, 1933-35, t. III, p. 84, e t. IV, p. 36 e 67.

Vê-se que o povo, na sua intuição divinatória, considera, talvez com acerto, os signos rupestres como *letras*.

Também o Dr. Santos Júnior, na sua missão antropológica a Moçambique (2.ª campanha, 1937-38) nos dá notícia de uma pedra conhecida entre os indígenas daquela ex-colónia pela designação correspondente a «*pedra escrita*». (Vide *Relatório*, publicado pelo Arquivo Geral das Colónias, Lisboa, 1940, p. 80 e fig. 92).

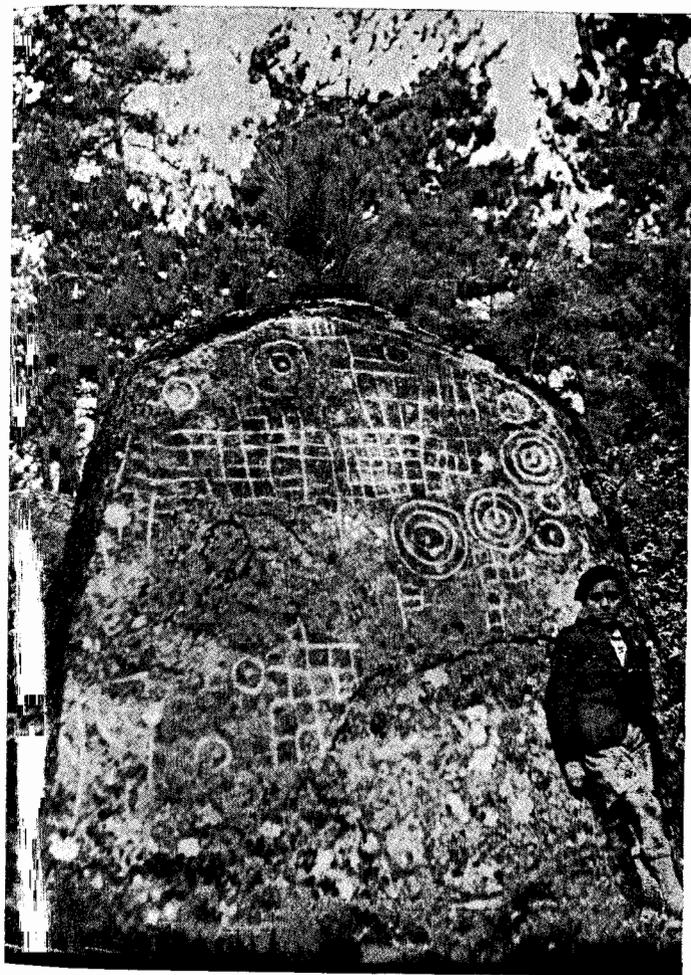


Fig. 46 — «A pedra da escrita», de Serrazes

As duas extremidades que limitam lateralmente a superfície são inclinadas de fora para dentro e de baixo para cima, de modo que o penedo na sua parte média, apresenta apenas 1,85 m. de largo.

Encontra-se toda esta face plana do monólito coberta de gravuras, excepto apenas em dois largos pedaços, dos quais uma camada granítica superficial se desagregou, perdendo-se assim os sinais certamente também ali gravados.

De três espécies são os petróglifos: circunferências únicas ou várias concêntricas), sinais quadrangulares (axadrezado) e *covinhas*. As circunferências apresentam uma pequena cavidade marcando o centro. Num dos grupos das concêntricas vê-se também uma linha radial, gravura esta semelhante à que Martins Sarmiento assinalou na Citânia de Briteiros⁽⁸⁰⁾. Os *quadrados* ou *axadrezados* estão muito irregularmente gravados, e cobrem a maior parte da superfície da pedra⁽⁸¹⁾. As *covinhas* ou *fossettes* estão marcadas na linha média vertical, onde apenas se encontra um grupo de cinco, dispostas em torno de uma outra central⁽⁸²⁾.

⁽⁸⁰⁾ Vide vol. *Dispersos*, Coimbra, 1933, p. 9. Na região da Galiza, encontram-se círculos concêntricos com linha radial, na *Pedra da Bullosa* e na *Pedra do Lombo da Costa*, segundo R. Sobrino Buhigas in *Corpus Petroglyphorum Gallaciae*, Seminário de Estudos Galegos, Compostellae, 1935, Tab. XVI, XXIX e XXX. Estas figuras não são raras na arte rupestre.

⁽⁸¹⁾ O falecido Dr. Pedro Vitorino, no seu artigo *Insculpturas do Monte de Eiró (Marco de Canaveses)*, inserto no «Arq. Port.», vol. XXVI, p. 22, 23, apresenta estes axadrezados. Encontram-se igualmente na pedra insculpida dos *Fornos da Telha*, em Ribeira de Pena (Vide «Arq. Port.», XXVII, 47). Na Galiza são também muito frequentes estes sinais, como nos mostra o cit. *Corpus petroglyphorum*, Tab. II, IX, XI, XII, e XL. Citemos ainda os artigos de J. de Pinho (no vol. do Congrès Int. de Antrop. de Paris — 1931), intitulado *Le grand échiquier dans l'art rupestre portugais*; Mendes Correia, *Art rupestre en Traz-os-Montes*, in «Revue Archéologique», Paris, 1929, t. XXIX, p. 130, fig. 8; e Santos Júnior, *As pinturas prehistóricas do Cachão da Rapa*, cit., fig. entre p. 28 e 29.

⁽⁸²⁾ Grupos semelhantes são vulgares no cit. *Corpus petroglyphorum*, fazendo parte de insculturas galegas. Fossettes alternando com os braços de uma cruz, também são conhecidas. Demos nós notícia de um sinal destes existente num penedo do Monte da Saia (Barcelos), no opúsculo *A última descoberta arqueológica na Citânia de*

Resta acrescentar a esta descrição que, próximo do penedo, existem alguns pequenos blocos de granito, cuja disposição me não pareceu casual, merecendo o terreno em que estes assentam, bem como toda a vizinhança da «Pedra da Escrita», uma escavação metódica, que alguma coisa mais nos poderia revelar acerca de tão notável monumento, único no género em Portugal, conforme salienta o Prof. Girão.

A uns 400 metros para sul da pedra, encontra-se uma enorme mamôa, bastante arrazada, conhecida pelo nome de mamôa do Arieiro. E, ainda perto, fica uma elevação chamada Outeiro da Gocha, de 460 metros de altitude, donde se avista um panorama deslumbrante, e onde bem poderia ter assentado um castro.

Quanto à interpretação específica destes sinais da «Pedra da Escrita», como da maioria dos petróglifos de outros lugares, parece-me inconsistente fazer sobre ela qualquer afirmação concreta quando, como no caso presente, tais signos não apresentam uma evidência naturalista flagrante, da qual ressaltem figuras humanas ou de animais, carros, armas, etc. Admite-se, por exemplo correntemente que as circunferências representam o sol ou a lua, o que é muito aceitável. Mas afirmar-se, por exemplo, que os sinais quadrangulares representam *constelações*, parece-nos uma hipótese respeitável, conforme a autoridade científica de quem a emita, mas tão frágil como a das célebres «danças rituais fálicas» interpretativa de certas gravuras, a meu ver indecifráveis, fantasia que, só por um esforço de muito boa vontade, pode aceitar-se. O homem primitivo, do final do Quaternário antigo, era profundamente realista na sua arte, cheia de vida, de movimento, de verdade. Depois, foi esquematizando, estilizando, espiritualizando as suas interpretações artísticas, mas nunca iria tão longe nesta simplificação, ou antes, decadência da arte, que, abstrahisse por completo das linhas e das formas elementares sob cujo aspecto as coisas e os seres impressionassem a sua retina.

Briteiros e a interpretação da Pedra Formosa, Guimarães, 1931, p. 52, fig. 14. Baçal menciona um idêntico, proveniente de Travanca, nas suas *Memórias Arq.*, t. IX, p. 662, fig. 4.

Eu admito, sem dúvida, o simbolismo religioso, votivo ou funerário destes desenhos, tanto mais dado o carácter de frequência e de generalidade de certos sinais (circunferências concêntricas, por exemplo), não só na Península Ibérica, mas nas mais diversas regiões do globo. É cedo, porém, para se fazer uma interpretação segura de muitos destes símbolos gráficos. Proceda-se primeiramente à elaboração de um grande *Corpus* de gravuras e pinturas rupestres, no género da louvável tentativa em que se empenhou o Seminário de Estudos Galegos, e, só depois dessa sistematização, registando a constância de tipos semelhantes, estatística, zonas culturais em cuja área tais símbolos tiveram a sua expansão, dados cronológicos, etc., é que será, talvez, possível tirar conclusões de ordem genérica e propor hipóteses de interpretação. Isto, assim, será método científico de trabalho.

Finalmente, sobre a cronologia deste monumento, só podemos dizer, com segurança, que sinais como os da «Pedra da escrita» se encontram desde o período eneolítico até ao final da época proto-histórica⁽⁸³⁾. Todavia, pela natureza dos vestígios arqueológicos mais frequentes em toda esta região, não será muito arriscado afirmar que os desenhos da Pedra remontem ao começo da Idade dos Metais.

(83) Veja-se a magnífica síntese sobre a nossa arte rupestre, pelo malogrado Investigador R. de Serpa Pinto, *Petroglifos de Sabroso e a Arte rupestre em Portugal*, Sep. da Rev. «Nós», Corunha, 1929.

XXII — UMA NECRÓPOLE PROTO-HISTÓRICA?

Como por aqui já vou dando a conhecer o amor (ou a mania...) que eu tenho pelas velharias, surgem, com frequência, os informadores amáveis. Assim, tinham-me dito, há tempos, que, para os lados do Belgão⁽⁸⁴⁾, onde funciona uma Colónia agrícola do Estado, tinha, aparecido, há coisa de quatro anos, um cemitério *do tempo dos mouros*, que ao local chamara muitos curiosos.

Fui hoje ali observar directamente os vestígios que porventura ainda restassem do achado. Toma-se pela estrada de S. Pedro do Sul, e, no lugar chamado O Alto do Barro, deriva-se por um pitoresco ramal, à esquerda, por entre cerrados pinheirais. A região é de terreno ondulado, com pequenos outeiros cobertos de pinhal, que marcam grandes manchas escuras entre os largos campos de regadio, frescos e viçosos. Bem diverso é já este aspecto, contrastando com a terra áspera da montanha que eu tenho percorrido e se recorta, numa barragem formidável, lá ao longe.

No vale fértil e extenso aconchegam-se, ridentes e tranquilos, os povos das freguesias de Carvalhais, Baiões⁽⁸⁵⁾, Bordonhos, etc.

Ao chegar à capelinha do lugar de Sá, deram-me informações mais precisas das antiguidades que eu demandava. O tal cemitério ficava numa pequena bouça (*estrumeira* lhe chamam aqui), talvez porque produza

(84) Aqui assinala Girão os restos de uma anta, que não tive ocasião de ver (Cf. *Antiguidades de Lafões*, p. 64).

(85) Perto do Monte da Senhora da Guia, em Baiões, appareceu um torque de ouro (Vide *Portugalia*, II, 109).

Vide, também, M. Cardozo, *Jóias arcaicas encontradas em Portugal*, Corunha, 1930, p. 27 e 34.

as plantas que hão-de constituir o adubo, ou estrume, para as terras de cultivo), sobranceira ao povo de Germinade. Para ali me dirigi, acompanhado de um pequeno, que me veio mostrar a velharia. Mais meia hora de caminho, e cheguei.

Num cômodo cortado por um cruzamento de caminhos, viam-se cerca de uma dúzia de pequenas escavações, de pouco mais de 50 cm. de profundidade, praticadas no saibro esbranquiçado. Dispersos ali pelo chão e nos caminhos próximos, muitos fragmentos de tejolos planos, com a forma da *tegula* romana, e outros de barro grosseiro, avermelhado e bem cozido, parecendo restos de pequenas urnas. Nada mais. A torga e o tojo invadiam já novamente as fossas abertas. Via-se bem que a ligeira exploração tinha sido feita atrabiliariamente, barbaramente, e tudo se havia quebrado, mutilado e dispersado, na rebusca ansiosa e rápida dos tesouros escondidos...

Este passeio de hoje serviu-me assim, ao menos, para tristemente me certificar, mais uma vez, dos prejuízos irremediáveis que a ignorância popular causa, e causará, frequentemente ao nosso património arqueológico, apesar da legislação que, ao presente, regula os trabalhos de escavações.

Um homenzinho que, com curiosidade, se aproximou de mim, informou-me então que *aquilo* tinha sido descoberto quando aprofundavam um pouco o caminho para diminuir um declive mais áspero. Apareceram nessa ocasião algumas campas forradas de tejolos colocados a prumo. Continham fragmentos de ossos humanos e umas cinzas esbranquiçadas, vasilhas, etc. Numa dessas campas apparecera mesmo um crâneo completo mas, quando lhe pegaram, desfez-se em pó. Logo que a coisa appareceu, os moradores próximos do local escavaram pressurosos, aqui e além, e em poucas horas destruíram tudo! Se tinham arrecadado alguns objectos de metal, isso não me soube dizer o meu informador. Fíbulas ou fivelas que tivessem apparecido dar-nos-iam elementos importantes para a fixação da cronologia da necrópole. Tratar-se-á de uma necrópole lusitano-colomana, ou já posterior, da época visigótica? Só uma escavação científica, regular e cuidadosa, o poderia revelar. Os nomes dos lugares circumvizinhos, como — Torre, Ger-

minade, Bordonhos⁽⁸⁶⁾, Baiões, etc., evocam o nosso onomástico medieval.

Para complemento das informações prestadas, o homem disse-me ainda que a notícia do aparecimento costou até muito longe, e tanto que ali tinham vindo diversas pessoas de S. Pedro do Sul e de outras povoações importantes, mas não sabia se ali viera, como lhe perguntei, algum *entendido* naquelas antigualhas⁽⁸⁷⁾. O dono do terreno era hoje o Sr. Dr. Sebastião Raposo, de Beja.

Bom. Informar-me-ei melhor deste achado, tão importante quanto lastimavelmente abandonado à ignorância do vulgo, e aqui voltarei um dia, para escabichar, se mo consentirem, por minha vez, com um pouco mais de carinho, aquela terra tão barbaramente profanada!

⁽⁸⁶⁾ De Iben Ordonis (Cf. Girão, *Antiguidades de Lafões*, p. 10).

⁽⁸⁷⁾ O Prof. Girão visitou também esta necrópole, já depois de saqueada (vid. *Necrópole romana de Germinade — S. Pedro do Sul*, in *O Arq. Port.*, XXVI, 249).

XXIII — O MONTE DO MURO

O *Monte do Muro* ou *Rocha do Muro* (dos dois modos lhe ouvi chamar) fica a sudoeste da Sobrosa, para os lados do povo da Pedreira. (Fig. 47) Um pouco adiante deste povoado, toma-se por um caminho vicinal, à esquerda da estrada que vai para S. João da Serra, e percorre-se uma extensão de poucomais de umquilómetro.

Por um declive suave atinge-se o Monte, que, de longe, parece uma fortaleza, dominando o vale do Vouga, e destacando-se, no meio das encostas ásperas, que naquele ponto limitam o curso do rio. Nas suas faldas, ao lado nascente, junta-se o Rio Teixeira com o Vouga.

Do alto, o panorama é soberbo! A um dos lados, um anfiteatro enorme de culturas em socalcos constitui a vertente que domina a margem direita do Vouga, onde alvejam, aqui e além, os inúmeros povoados, entre os quais se destacam Valadares e Santa Cruz. Para o lado oposto, Oliveira de Frades e Vouzela.

A magnífica situação dominante deste cabeço, cujo pequeno planalto é inteiramente rodeado pelas ruínas de uma forte muralha, de cerca de metro e meio de largo, nalguns pontos constituída por blocos ciclópicos, dava excepcionais condições de defesa aos primitivos habitantes deste castro. A não ser da parte do norte, por onde se faz a entrada, em todos os outros flancos ele seria inacessível a um ataque, tão inclinadas e difíceis de escalar são essas vertentes.

A muralha, que, apesar de desmantelada, ainda se segue facilmente em todo o seu perímetro, é feita de calhaus informes, toscamente encastelados, alguns deles de um tamanho invulgar. (Fig. 48)

No recinto do castro, de forma aproximadamente circular, com um diâmetro dos seus 150 metros, não encontrei vestígios de habitações, apesar da explora-

ção bastante minuciosa a que procedi em todas as direcções. Apenas algumas pequenas pedras dispersas, em certos locais, poderiam ter pertencido às primitivas casas.

Levei comigo um trabalhador que, em três pontos diversos por mim indicados, praticou outras tantas sondagens, abrindo algumas valas, até encontrar terra virgem, de saibro duro. Em nenhuma dessas escavações se me deparou o mais leve vestígio de cerâmica, ou qualquer outro objecto que denunciasse a mão do homem.

Ainda percorri alguns penedos da vizinhança do castro, à procura de gravuras, encontrando apenas num deles, a pequena distância do exterior da muralha, do lado norte, certos sinais que denotavam alguma novidade.

No caminho que conduz ao castro, a uns 300 metros distante dele, deparei também com uma mamôa bastante arrazada, em tudo semelhante às do Deanteiro e do Campo d'Anta, mas ainda bem visível.

Foi tudo quanto produziu o passeio de ontem — a localização de mais um interessante castro beirão, que suponho inédito, salvo erro, como o da Cabeça do Muro, na Landeira, (Vide p. 37) e que bem mereciam uma demorada escavação.



Fig. 47 — O Monte do Muro (ao centro)

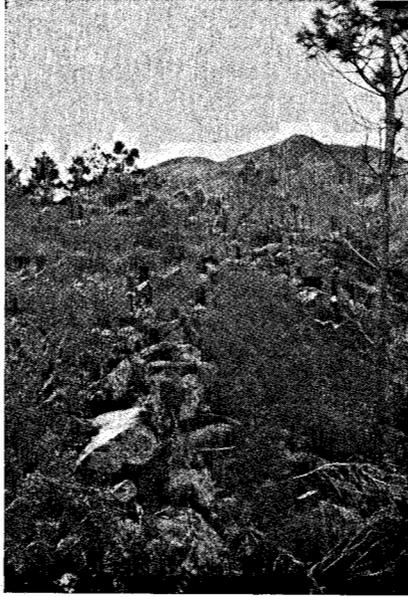


Fig. 48 — *Muralba derruida no Monte do Muro*

XXIV — ÚLTIMO PASSEIO À SERRA

Dei ontem a última volta pela serra, nesta rápida quadra de férias, que passou voando! As obrigações do trabalho profissional dominam as devoções da predilecção espiritual: aquelas chamam-me de novo à grilheta da vida, longe daqui, de regresso à cidadezinha provinciana e coscuvilheira, onde mourejo o pão de cada dia. Volto destes descampados, tão salutares, ao convívio afável dos meus amigos, e à vizinhança antipática dos meus inimigos, que todos os temos. Adeus, boa terra e boa gente da Beira-Alta! Até um dia!

Por ser o último passeio, foi este o mais longo de todos. Saí às 9 horas da manhã, e cheguei, de novo, a casa às 8 da tarde. Percorri, em passo vagaroso, é certo, para mais de 30 quilómetros da serra.

O meu guia, um rapagão forte, que já fora artilheiro em Viseu, não me supunha capaz de tanto caminhar, por aquelas altas fragas.

Fomos daqui, pela calçada da Chamicreira direitos ao Deanteiro, na intenção de encontrar o amigo Custódio de Almeida, a quem já me referi e me havia prometido acompanhar a um tal que encontrara *cacos do tempo dos mouros* e não sei que mais, lá para os lados do povo da Coelheira. Infelizmente o Almeida não estava. Mas o meu guia conhecia bem a serra e os caminhos para a Coelheira. Continuamos, pois, a jornada, subindo até o Gamual, e dali em direcção à Coelheira, pelo lugar já também meu conhecido da Casa-do-Rei.

Chegados ali aproveitei a ocasião para perguntar por qualquer achado ao dono do tal casinhoto em construção sobre uns alicerces primitivos, que me atraira a atenção noutro passeio. O dono da casota também não estava. Que arrelia! Mas, a mulher dele, uma pobre de

Cristo que andava sachando umas leiritas çafaras, mandou logo comigo um pequenito mostrar-me uns fragmentos de cerâmica que efectivamente o homem havia encontrado, mas atirara fora. Talvez o pequeno soubesse ainda do sítio onde ele os atirou. Suspeitei que fosse este homem da Casa do Rei o tal Gomes em que me falara o Almeida do Deanteiro (Vide p. 34). E não me enganei, pois interrogando a mulher, ela confirmou logo que o seu homem se chamava Álvaro Gomes, e tinha na verdade falado no achado das louças antigas ao Almeida, de quem por sinal era compadre. Encontrei-me pois, casualmente, na boa pista.

O pequenito, um garoto dos seus oito anos, esperto e ladino como era, galgou qual cabritinho pelos penhascos fora, e chegando próximo à casota em construção começou procurando com cuidado; daí a pouco vinha ter comigo, todo ufano e contente, trazendo-me quatro fragmentos de uma cerâmica grosseira, negra e micácea. O aspecto dos cacos era rude, modelados à mão, sem a roda do oleiro.

Para incitar a actividade do petiz, passei-lhe para a mão algumas moedas de cobre, e prometi-lhe mais, se me descortinasse ainda outra cacaria dos mouros! Que sim, que ia procurar, e, se encontrasse, o pai mos levaria a casa⁽⁸⁸⁾. E logo, muito pronto, informou-me que, num sítio ali perto, estava uma mó partida, (Fig. 49) também do tempo dos mouros, e que sabia de uma cruz num penedo com uma letra de cada lado! Segui o pequenito, e, de facto, lá estava adiante, abandonada, no sítio das *Presas*, onde todavia ninguém se lembra de existirem moinhos, metade de uma mó, que fotografei. Quanto às tais letras, que eu já fantasiava preciosos petróglifos, foram para mim uma decepção! Era um S e um C, (Fig. 50) separados por uma cruz; tratava-se apenas, como era evidente, de uma simples marca dos limites do couto (por sinal enorme!) pertencente ao antigo Mos-

(88) De facto, passados dois dias, o Álvaro Gomes, trouxe-me à Sobrosa, antes da minha partida dali, o produto da escavação do rapazito: alguns fragmentos de cerâmica escura, e outra mais clara; dois pedacitos de um cristal negro (quartzo?), e a ponta de uma faca de sílex.

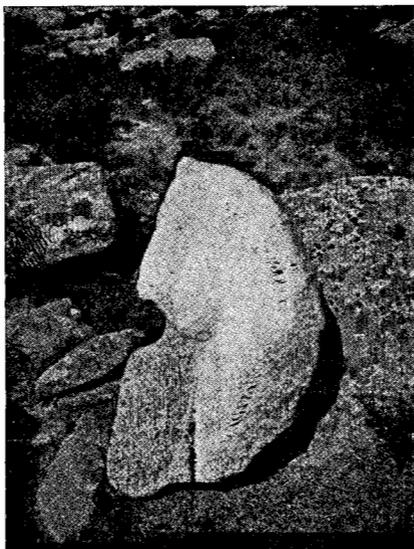


Fig. 49 — *Mó primitiva, no sítio das Presas,
próximo da Casa do Rei*



Fig. 50 — *Sinal S+C num penedo, limitando terrenos do Mosteiro de São Cristóvão, no Alto do Outeiro.*

Sentado, o filho do Alvaro Gomes.

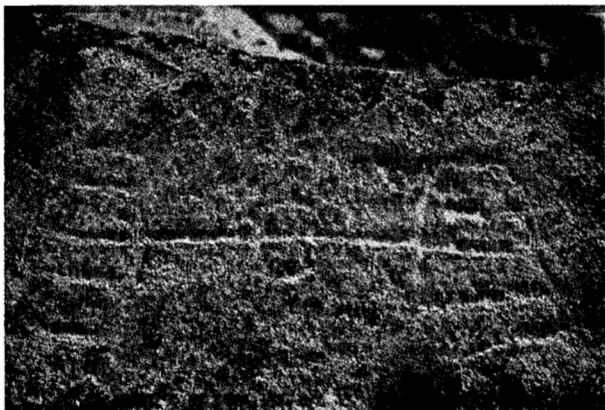


Fig. 51 — *Sinal num penedo perto do Campo D'Anta.*

teiro de S. Cristóvão ⁽⁸⁹⁾. Aquelas iniciais não podiam ter ali outra significação — S. C. (S. Cristóvão) ⁽⁹⁰⁾.

Continuo a minha rota. A uns 400 metros a nascente do Alto do Outeiro, nas elevações sobranceiras ao Campo d'Anta, encontro outro sinal num penedo, também marcando talvez limites de terrenos do Mosteiro, mas agora sem quaisquer iniciais: (Fig. 51)

Um doeiro, que andava perto, veio dizer-me que ouvira contar que naquela rocha é que havia o «encanto». Só me faltava ali o Livro de S. Cipriano para o «quebrar»! Que pena!

Atravesso, rapidamente, os matagais do extenso Campo d'Anta, já meu conhecido, onde dardejava um sol de fornalha, que as pedras em redor reflectiam, e disponho-me a tomar a minha pequena refeição, à escassa sombra de um penhasco, pois o sol estava quase a prumo. Perto, um fio de água límpida ciciava, entre os calhaus.

Neste momento, surge, caminhando por um carreiro fora, um homem, vestindo calças de burel, muito esfarrapadas, como rota era a pobre camisa que lhe cobria o tronco. Calçava grossos tamancos ferrados, e carregava ao lombo dois taleigos de pele, atestados

⁽⁸⁹⁾ O Mosteiro de S. Cristóvão de Lafões, pertencente à Ordem de Cister ou de S. Bernardo, foi instituído nos primórdios da Monarquia, logo a seguir ao de S. João de Tarouca, fundado em 1120 (Vide Fr. B. de Brito, *Chronica de Cister*, ed. 1720, p. 616-617; Fr. M. dos Santos, *Alcobaça Ilustrada*, no Aparato Histórico, p. 57-58). A Ordem de Cister teve origem em França, no Perche, Comuna de Soligny-la-Trape. (Vide F. de Almeida, *Hist. da Igreja em Portugal*, I, 275). Da traça primitiva do Mosteiro de S. Cristóvão, sem dúvida românica, nada resta hoje. O que ali vemos actualmente é arquitectura banal do séc. XVIII, ameaçando próxima ruína, lamentáveis vestígios da passada grandeza e poderio do tempo dos D. Abades. É presentemente ali Vigário o bondoso Sr. Padre Marcelino, venerando velho, de cabelos de neve e faces rubras, beirão alto, espadaudo e forte, contando para cima de oitenta anos, mas conservando ainda a robusteza de um moço. No seu burresco ligeiro, percorre ainda, a cada passo, estes montes e calçadas, na faina constante das missas, dos tríduos, dos confessos e dos enterros de pompa.

⁽⁹⁰⁾ Para os lados da Bustarenga, próximo à velha calçada de Lafões ao Porto, há outra marca idêntica, mas com a data de 1785 (Cf. Girão, *Antiguidades de Lafões*, p. 65). Os D. Abades do Mosteiro de S. Cristóvão eram senhores absolutos com jurisdição episcopal e temporal. Os terrenos pertencentes ao Mosteiro eram vastíssimos.

de farinha. Vinha, sem dúvida, do moinho, lá de longe, de trás de aqueles outeiros que nos barravam a vista.

«Eh! Ti' Álvaro!» grita-lhe de cá o meu guia, «Venha cá, home!» O homem parou, e em séguida aproximou-se de vagar, um tanto desconfiado. O serrano, em geral, é desconfiado, ou melhor — é cauteloso; quando encontra cara desconhecida nos seus domínios isolados, não se abre com ela sem saber o que quer e ao que vem, por aqueles ermos. O guia informou-me então que era este o tal Gomes, dono da casota onde apareceram os fragmentos cerâmicos, na Casa-do-Rei. Ainda bem!

Depois de o pôr um pouco mais à vontade, fazendo-o partilhar do meu farnel, disse-lhe donde era e o que me levava por aquelas serras. Mais confiante, o homem foi taramelando, pouco a pouco. Que tinha encontrado, na verdade, algumas coisas dos *mouros*, restos de vasilhas de barro, machados e facas de *pederneira*, *badames*, etc., e que essas coisas as tinha dado ao Sr. professor da Escola do Candal, que as queria para oferecer lá para essa Lisboa...

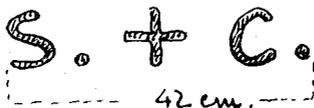
Como eu lhe falasse em gravuras em penedos, aliterceres de casas, etc., *Ti' Álvaro* prontificou-se a retroceder no seu caminho e a acompanhar-nos até lá abaixo, à beira do rio que corre para o Paiva. E apontou, vagamente, na direcção donde tinha vindo. Que havia para lá uns restos de fundições de minério, do tempo da Mourama, e outras coisas dignas de ver-se... «Fundições?! Isso interessa-me, ó *Ti' Álvaro*».

O homem escondeu rapidamente os taleigos da farinha debaixo de um fragão, e, para nos acompanhar, arrepiou caminho, seguindo ligeiro na nossa frente.

Para lá do Campo d'Anta, e atravessados os altos cabeços que o circundam, encontrámo-nos num planalto mais vasto ainda, limpo de pedras e mato, e apenas coberto de uma vegetação rasteira. Era o *Campo Grande das Eirozes*, com seus 600 metros de comprimento por outro tanto de largo. Informou o *Ti' Álvaro* que já ali tinham ido uns militares, no sentido de aproveitarem aquele terreno, tão vasto e plano, para um campo de aviação.

Num outeiro que separava o *Campo Grande* de uma outra chã, a que o *Álvaro* deu o nome de *Campo*

Pequeno, lá encontramos outra marca assinalando o domínio dos frades trapistas:



Ao longe, para a nossa esquerda, numa chapada íngreme, via-se terra amarelada, removida de fresco e lançada pela vertente abaixo, pondo assim umas largas manchas claras, aqui e além, na sombria tonalidade do monte. Ti'Álvaro explica, eram os trabalhos de exploração do minério. Já também lá andara, e ganhou para cima de um conto de reis. «Ia lá quem queria! Não havia engenheiros a mandar, não senhor! Cada qual esgadanhava à vontade, por aquelas furnas dentro, que já tinham sido começadas pelos mouros, desde o princípio do mundo! A questão era só de conhecer os filões dos metais, agarrados à rocha! Saía ali muita coisa deste *negócio* de minério!» E Ti'Álvaro citou-me alguns nomes deturpados, que eu traduzi por estanho, volfrâmio, arseno-pirite, etc. Levavam aquilo ao Porto, em sacas, e lá se vendia muito bem.

Tudo aquilo me despertava um grande interesse! Fui ver, de perto, os restos dessas explorações mineiras, que já vinham, talvez, dos tempos pre-históricos⁽⁹¹⁾! Mas tudo estava arruinado, e nas galerias, abatidas ou entulhadas, só poderia entrar-se após um demorada e grande escavação. O lugar chama-se *Vila Velha*, e, nas vizinhanças, viam-se inúmeros restos de alicerces de habitações primitivas, sempre do mesmo tipo e disposição das outras a que me tenho referido.

Prosseguimos no caminho, agora em direcção ao *Outeiro da Mina*, curiosidade que o meu novo guia me queria mostrar, bem como o tal lugar das fundições

(91) Girão, *A Bacia do Vouga*, p. 153.

do tempo dos mouros! O outeiro, de difícil e perigoso acesso, elevava-se abrupto, escarpado, sobre um fundão enorme, por onde cortia uma ribeira sub-afluente do Paiva. O cabeço tinha apenas de curioso uns penedos com grandes e fundos buracos cilíndricos (erosão?), alguns deles com seus três palmos de largo e mais de dois metros de fundo, com água das chuvas lá dentro, encharcada. Era aquilo a *mina* que dava o nome ao outeiro.

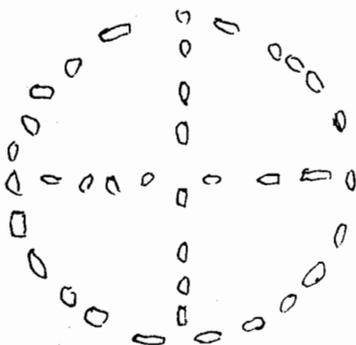
Ao longe, para norte, avistava-se dali uma sucessão de elevados cumes — o Alto da Cota ou Pico de S. Lourenço (953 m), o Alto de Regoufe, a Serra de Mourão, etc. Para aqueles lados, ficava a freguesia do Candal, com largos campos de milho verdejantes, e mais para além ainda, já escondida numa dobra, a *Póvoa das Leiras*. Na direcção oposta ficava o pequeno povoado da Coelheira.

Descemos do Outeiro da Mina até ao riacho de leite pedregoso, e, junto a um pequeno moinho chamado o *Moinho da Infesta*, já pertencente à Coelheira, Ti'Álvaro apanhou, de entre os seixos boleados da margem, alguns restos de escórias de fundição, que me disse serem também de tempos imemoriais, pois ninguém havia notícia de ali ter existido qualquer oficina. Trouxe comigo alguns fragmentos, sem poder distinguir de pronto de que metal se tratava. Daquele lugar ficou-me também a grata lembrança da melhor água que tenho bebido desde que me conheço — leve, cristalina, saborosa e fresquíssima!

E foi tudo quanto o pobre homem pôde mostrar-me de maior interesse... para ele. De resto, inúmeros vestígios de casotas primitivas estão espalhadas por todos aqueles montados. Também se encontram nítidos restos de amplos cercados, que o meu guia, com segura intuição, classificou de vedação para guardar os rebanhos daqueles povos desaparecidos, ou limites de terrenos cultivados: Uma dessas vedações, situada num pequeno cômodo chamado o *Lombo da Levada*, já perto do povo da Coelheira, tinha a forma circular, com seus 200 metros de diâmetro, e apresentava a singularidade de ser cortada por dois alinhamentos de grandes calhaus, (Vide p. 83) marcando dois diâmetros perpendiculares, respectivamente orientados nas direcções Norte-Sul e Nascente-Poente! Qual a finalidade deste dispositivo?

Aproximava-se a hora do regresso, pois eu estava longe de casa mais de três léguas, e o sol declinava. Para não seguir o mesmo trajecto, larguei o Ti'Álvaro e segui com o guia que me acompanhara da Sobrosa, pelo povo da Coelheira e Alto-do-Menino-Gago.

A Coelheira, pertence à freguesia do Candal, fica a 955 metros de altitude, e é uma povoação típica da montanha, como a Bustarenga e outras. Casas escuras, de pedra tisdada do tempo, todas juntinhas, à cavaleira nos declives, umas espreitando por cima das outras,



parece que amedrontadas daquele isolamento, como rebanhos de cabras que se reúnem e apertam à aproximação dos lobos. Telhados de lousa negra, e pedras das paredes sem sombra de argamassa que as ligue.

Uma calçada íngreme corta o povoado. O limiar das portas eleva-se a alguns decímetros do solo, para defender das enxurradas o interior das habitações. Tem cerca de 50 fogos.

O Alto-do-Menino-Gago fica logo a seguir às tapadas da Coelheira, e a Sul do Monte da Escadinha. Tem no sopé uma enorme quantidade de alicerces de habitações! Que vasta população se espalhava por aqueles montes⁽⁹²⁾ (e vistos de longe parecem inhabitáveis), nos recuados tempos, talvez dos começos da era dos metais! Quantas antiguidades por explorar, nestas terras agrestes!

(92) Girão, *A Bacia do Vouga*, p. 92.

Dali ao *Olheiro dos Lobos* era um salto. As cumiadas punham largas sombras nas encostas fronteiras à vertente que torneávamos, e, à maneira que o sol descia rápido, essas sombras trepavam e escureciam cada vez mais os fundos vales. Ao longe, na Landeira, muito aninhada, sob o último sol doirado do poente, brilhava, caiadinha, vestida de branco, a capelita de Santa Susana, no meio daquelas habitações humildes da serra.

Os campos da Sobrosa, verdejantes, lá no fundo, chamavam-me, acolhedores, pela última vez neste verão. Até o ano, se Deus quiser...

Mário Cardozo

